

"Porque, na esperança fomos salvos": caminhos para uma teologia negra diaspórica e encarnacional

"Because, in hope we have been saved": ways to a black diasporic and incarnational theology

Emiliano Jamba Antônio João

Mestrando em História Social de África pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do GT-Teologia e Negritude, vinculado a FTL/Campinas SP. E-mail: emilianojamba1@gmail.com

Resumo:

Para muitos seria redundante falar de uma teologia negra (TN) diaspórica, pois ela, em si mesma, é originária de um movimento diaspórico. Entretanto, essa concepção se configura numa premissa simplista. Pois, apenas enxerga tal terminologia pelo viés situacional, portanto, geográfico, em que a TN se origina. É tendo em mente a noção de que o lugar teológico regional não confere necessariamente a TN um caráter diaspórico e encarnacional, que neste texto procuramos ir além desta compreensão, tentando articular os elementos que conferem o status diaspórico e encarnacional, a TN. Para muitos, essa afirmação poderá criar confusão, já que é práxis das teologias contextuais, a TN dentre elas, afirmarem que se diferenciam das demais pelo "locus teologal". Este entendimento não está totalmente errado, todavia, é preciso aprofundá-lo de maneira a nos demarcarmos das armadilhas postas pela colonialidade. Deste modo, tal como é imprescindível entendermos a questão do caráter diaspórico da TN, torna-se imperativo compreendermos também "o lugar teologal" da TN. Este texto tem assim por objetivo analisar a questão diaspórica e encarnacional no labor teológico da TN. Contudo, não o faremos sem dialogar com os trabalhos que nos precederam. Sendo assim, e tendo em conta as produções já existentes, procuramos nos inserir nas formulações reflexivas que giram em torno das teologias negras da libertação e da esperança. Isto é, uma reflexão teológica que busca se encarnar na negritude dos seus interlocutores proporcionando libertação e esperança.

Palavras-chave: Teologia negra. Diáspora. Encarnação.

Abstract:

For many it would be redundant to speak of a diasporic black (BT) theology, as it, in itself, originates from a diasporic movement. However, this conception is configured in a simplistic premise. For, it only sees such terminology through the situational, therefore geographical, bias, in which BT originates. It is keeping in mind the notion that the regional theological place does not necessarily give BT a diasporic and incarnational character, that in this text we try to go beyond this understanding, trying to articulate the elements that give diasporic and incarnational status, BT. For many, this statement may create confusion, since it is the praxis of contextual theologies, BT among them BT, to claim that they differ from the others by the "theological locus". This understanding is not entirely wrong, however, it is necessary to deepen it in order to demarcate ourselves from the traps set by coloniality. Thus, just as it is essential to understand the question of BT's diasporic character, it is imperative that we also understand "the theological place" of BT. This text thus aims to analyze the diasporic and incarnational question in BT's theological work. However, we will not do so without dialoguing with the works that preceded us. Therefore, and taking into account the existing productions, we try to insert ourselves in the reflective formulations that revolve around the

black theologies of liberation and hope. That is, a theological reflection that seeks to incarnate itself in the blackness of its interlocutors, providing liberation and hope.

Keywords: Black theology. Diaspora. Incarnation.

Introdução

É pertinente introduzirmos este trabalho trazendo a tona o cerne que motivou a escrita do mesmo. Este texto surgiu a partir de uma inquietação decorrente da leitura do livro de James Cone e Gayraud Wilmore, “Teologia Negra” (1986) precisamente nos capítulos 36 e 37. Encontramos nestes capítulos um caloroso debate entre os teólogos, queniano John Mbinti e o sul africano Desmond Tutu onde os dois procuravam aproximar ambas teologias, bem como, entender a relevância da TN, naqueles contextos que não fossem o norte americano.

Para o primeiro, por mais importante que fosse a TN, ela é restrita aos negros norte-americanos, por seu caráter regional, afirmação esta rebatida pelo segundo, entendendo ele que todas as teologias de certa forma o são. Mbiti em sua argumentação refuta, afirmando que a teologia negra nada teria a oferecer, por exemplo, ao contexto africano, por ser ela uma teologia gestada a partir da tristeza, da amargura, da cólera, e do ódio¹. Tutu por sua vez, contrapõe este argumento respondendo que o lugar na qual a Teologia Negra emergiria, dá-se, não devido a um suposto ódio, mas devido ao seu caráter profético que faz com que os seus articuladores, uma vez inconformados com a injustiça, não só lutem por denuncia-las - identificando tais atos como sendo práticas pecaminosas - mas também articulem mecanismos de descolonização espiritual radicais que os impulsiona aliar o discurso à prática².

Desta última premissa decorre a nossa temática, distanciando-se assim de Mbinti e aproximando-se de Tutu, entendendo a teologia negra não como uma teologia proveniente do ódio, mas sim da esperança, uma esperança que surge a partir da diáspora e por meio de um processo de encarnação, conferindo, desta forma, a teologia negra um caráter não só diaspórico como também encarnacional. Contudo, apraz-nos, ainda que de forma preliminar, afirmarmos aqui que a concepção diaspórica que norteia este texto abrange muito mais do que um lugar, ela significa um tensionamento, um deslocamento, uma flexão ou ainda um novo paradigma. É com base nestes novos paradigmas

¹ Para Mbiti a T.N difere da T.A por ser a segunda proveniente da alegria. O aparente ódio ao lado da militância, do ativismo político, ideológico etc., são acusação recorrentes em relação a TN, inclusive nos dias de hoje. Segundo Tutu: os que falam de justiça e de uma distribuição mais equitativa os recursos da terra são frequentemente acusados por certas pessoas “religiosas” de fazer política e são exortados a rezar mais e a falar menos dessas coisas. Mas nós que fazemos teologias [contextuais] acreditamos que semelhantes exortações sejam extremamente arrogantes, pois presumem que não tenhamos rezado antes. Respondemos que também nós temos um real encontro com Jesus Cristo na oração, na mediação, no estudo da bíblia e nos sacramentos. Mas é justamente esse encontro que nos leva a falar e a agir como fazemos. Não é nossa política que nos inspira e sim nossa fé. TUTU, *In* Colóquio de Acra (EATWOT II, 1997) *apud* GIBELLINI 2012, pp.471, 472.

² Este processo é também denominado de *ortopraxis*.

que - como veremos ao longo do texto - surge a teologia negra, conferindo-lhe um caráter diaspórico³. Assim, esse texto se afasta um pouco das concepções culturalistas de diáspora e se aproxima mais das concepções sociológicas⁴.

Nossa análise no presente trabalho não desconsiderou as pesquisas já realizadas, muito pelo contrário, é tendo em conta todos estes teóricos, e não só, que procuramos inserir este trabalho dentro de uma teologia negra da libertação e da esperança. Isto é, uma reflexão teológica que busca se encarnar na negritude dos seus interlocutores proporcionando libertação e esperança. Destarte, neste último ponto, para além do método próprio de uma teologia negra que se pretende ser da libertação,⁵ utilizamos, também, o método da correlação, elaborado pelo teólogo e filósofo teuto-americano Paul Tillich (1886-1965). Seu método se torna útil na medida que procura unir a mensagem bíblica à situação histórica quer do autor do texto quanto do leitor, configurando-se os dois polos como elementos constitutivos de toda teologia⁶.

Um “estranho” fenômeno surgiu e se espalhou: Contextualizando e historicizando conceitualmente a Teologia Negra

Antes de abordarmos conceitualmente a teologia negra permitam-nos apresentar a nossa definição para teologia de forma geral. Entendemos a teologia, menos como um saber abstrato acerca de Deus (definição convencional), e mais como sendo um saber humano concreto sobre a ação de Deus no processo histórico das pessoas que com Ele se relacionam. Conforme nos ensina Tutu (1986), “teologia é uma atividade humana que possui as limitações e as particularidades das pessoas que

³ Com um bom dicionário perceberemos que o termo diáspora (em grego clássico: *διασπορά/ diasporá*, que significa em português "dispersão") refere-se ao deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de muitas grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. O sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall afirma que durante muito tempo o termo diáspora foi usado principalmente em relação a Israel. Estudos recentes não negam as relações muito estreitas existente entre a diáspora negra e a diáspora judaica — por exemplo, a experiência de sofrimento e exílio, e a cultura do livramento e da redenção que resultam daí. Isto explica por que a comunidade negra usa a bíblia como mecanismo de libertação, “pois ela conta a história de um povo no exílio dominado por um poder estrangeiro, distante de “casa”, e do poder simbólico do mito redentor”. Muitos escritores afro-americanos, latino-americanos e caribenhos exploraram fortemente a experiência judaica como metáfora paralela a experiência negra (HALL, Stuart. *Na diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Ed. da UFMG: UNESCO, 2003, pp. 416, 417).

⁴ A diáspora enquanto fenômeno de afirmação humana, étnica, cultural, política e histórico-social, na qual a população negra integra uma prática de libertação e assume o comando da própria história ou ainda a diáspora enquanto processo de reimaginação e ressignificação de linguagens (Ver. NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*. 2ª edição Fundação Cultural Palmares OR Editorial Produtor Independente, 2002; BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981).

⁵ As teologias da libertação usam o método histórico sócio - analítico que se materializa por meio da tríade: Ver, Julgar e Agir (Ver. BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico: versão didática*. Petrópolis/RJ. Vozes, 2014. A Teologia Negra não abre mão deste método, no entanto sua ênfase se situa na questão racial (Ver. CONE, James H; WILMORE, Gayraud S. (Org.) *Teologia Negra*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1986).

⁶ O método de correlação, sugere assim, a afirmação da verdade eterna da mensagem cristã e a interpretação desta verdade no contexto de cada nova geração Ver. TILLICH, Paul Johannes. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 21. (Ver também ANDRADE, Charlisson Silva De. *teologia em perspectiva afrodiaspórica e antirracista: uma análise do potencial correlativo entre a teoria decolonial e a teologia negra da libertação*: São Cristóvão/SE, 2020).

teologizam”⁷ No entanto, definir a teologia nestes moldes não significa esvaziar sua relevância, pois ela continua falando pertinentemente, contudo, esta pertinência apenas se dará quando ela falar ”a uma comunidade cristã particular histórica, espacial e temporalmente condicionada: ela deve ter a humildade de aceitar o escândalo de sua particularidade, assim como a sua transcendência”⁸.

Tillich (2019) advoga esta mesma posição ao afirmar que a teologia, enquanto “função da igreja cristã, deve servir às necessidades dessa igreja. Um sistema teológico deve satisfazer duas necessidades básicas: a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação dessa verdade para cada nova geração” (TILLICH, 2019, p. 21) ou seja, para cada comunidade de fé na qual se pretende teologizar. Assim, segundo este teólogo “a teologia oscila entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que essa verdade eterna deve ser recebida”.⁹ No entanto há uma relutância quer das instituições eclesásticas quanto das academias em combinar perfeitamente essas duas exigências em seu fazer teológico.

A maioria deles ou sacrificaram elementos da verdade ou não são capazes de falar ao momento atual. Alguns padecem de ambos os defeitos. Temorosos de perder a verdade eterna, identificam-na com algum trabalho teológico anterior, com conceitos e soluções tradicionais, e tentam em impô-los a uma situação nova e diferente. Confundem a verdade eterna com uma expressão temporal dessa verdade. Isso se torna evidente na ortodoxia teológica europeia, conhecida nos Estados Unidos como fundamentalismo¹⁰

Essa postura se agrava ainda mais “quando o fundamentalismo se combina com uma tendência antiteológica”¹¹, como é o caso por exemplo do fundamentalismo bíblico-evangelical, onde a “verdade teológica de ontem é defendida como uma mensagem imutável contra a verdade de hoje e amanhã”¹², sendo elas na maioria dos casos recheada de discurso de ódio e de intolerância para com um determinado grupo social.¹³ Isto ocorre porque,

O fundamentalismo deixa de entrar em contato com a situação presente, não porque fale desde além de qualquer situação, mas porque fala desde uma situação do passado. Eleva algo finito e transitório a uma validade infinita e eterna. Nesse sentido, o fundamentalismo possui traços demoníacos. Ele destrói a humilde honestidade da busca pela verdade, cria em seus seguidores pensativos uma crise de consciência e os torna fanáticos, porque são forçados a suprimir elementos da verdade dos quais têm consciência, mesmo que vaga¹⁴

Ao apresentarmos esta definição teológica somos cientes do constrangimento que ela poderá suscitar em alguns leitores, sobretudo aqueles acostumados com o caráter universal, eterno e perfeito da teologia, no entanto, conforme nos ensina o teólogo sul africano já acima mencionado, Tutu (1986)

⁷ TUTU, Desmond M. teologia negra/teologia africana: Amigos íntimos ou antagonistas? In CONE, James H; WILMORE, Gayraud S. (Org.) *Teologia Negra*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1986, p.384.

⁸ TUTU, 1986, p.384.

⁹ TILLICH, 2019, p. 21.

¹⁰ TILLICH, 2019, p. 21.

¹¹ TILLICH, 2019, p. 21.

¹² TILLICH, 2019, p. 21.

¹³ Referimo-nos aos constantes discursos de ódio e de intolerância religiosa para com o povo negro. Discursos esses que refletem o racismo existente em tais fundamentalismos.

¹⁴ TILLICH, 2019, p. 21.

“a teologia não é eterna nem pode nunca esperar ser perfeita” (p. 385). Tutu continua argumentando o seguinte:

Não existe uma teologia final. Naturalmente as verdadeiras visões de cada teologia devem ter relevância universal, mas a teologia distorce-se se começa desde o início a falar ou tentar falar universalmente. Cristo é o Homem Universal, somente porque ele é o primeiro e antes de tudo Homem real e por conseguinte particular. Deve haver, portanto, necessariamente diversidade de teologias e nossa unidade surge porque em última análise todos nós refletimos a única atividade divina para libertar o ser humano de tudo o que o escraviza. Deve haver pluralidade de teologias porque nós todos não apreendemos o transcendente exatamente da mesma maneira, nem se pode esperar que expressemos nossas experiências do mesmo modo¹⁵

Ainda sobre este ponto da pluralidade da teologia, escreve Maurice Wiles:

A teologia hoje é indutiva e empírica na sua abordagem. Ela munda sempre de luta para dar expressão à resposta do homem a Deus. É sempre inadequada e provisória. A variedade é sempre bem-vinda, porque nenhum enfoque pode jamais fazer justiça a realidade transcendente de Deus. Nossas expressões parciais precisam ser complementadas pelas diferentes apreensões daqueles cujas as tradições são diferentes das nossas. Não há critérios fixos para a determinação da verdade teológica e do erro teológico. Devemos, portanto, estar dispostos a tolerar grande parte do que nos parece até ser erro, porque não podemos estar certos de que somos nós quem está com a verdade. Segundo este ponto de vista, uma grande gama de diferença teológica (inclusive aquilo que consideramos como erro) não é em si mesma barreira para a unidade¹⁶

Depreendemos destes nossos autores até aqui mencionados uma ênfase na pluralidade teológica e no diálogo da teologia com a situação concreta na qual ela se insere. Para eles uma teologia digna de relevância é aquela que leva a sério a situação, o contexto, a particularidade ou mesmo a singularidade do seu *locus teologal* (lugar teologal)¹⁷.

Estas percepções teológicas só foram possíveis graças aos novos paradigmas epistemológicos que foram surgindo nos meados do sec. XX., dentre os quais se encontra a teologia negra, colocando-se dentro deste jogo de cintura: abstracionismo vs concretude.¹⁸ É pertinente no entanto, esclarecermos que o universalismo abstrato - conceito esse obviamente aplicável à Teologia confessional/clássica, é, na verdade, “um tipo de particularismo que se estabelece como hegemônico

¹⁵ TUTU, 1986, p. 385.

¹⁶ *apud* TUTU, 1986, 385.

¹⁷ Falar para a situação/contexto/particularidade/singularidade de forma relevante, não é o mesmo que falar para a situação do indivíduo como indivíduo, nem é também falar para a situação do grupo como grupo. Conforme TILLICH 2019, a “situação” que a teologia deve considerar é a interpretação criativa da existência (do ser/vida). Pois para Tillich a existência corresponde a afirmação do ser/vida. Assim, a “situação” a qual a teologia deve responder é a totalidade da autointerpretação criativa do ser humano em um período determinado. O fundamentalismo e a ortodoxia rejeitam essa tarefa, e, ao fazê-lo, perdem o sentido da teologia (p. 22).

¹⁸ Historicamente o Sec. XX é também chamado de a “era das revoluções” VISSENTINI (2012); da “virada cultural, hermenêutica e epistemológica” GEFFRÉ (2004); do “giro decolonial” BALLESTRIN (2013) ou ainda a era dos “novos paradigmas” BOSCH (2014).

e se apresenta como desincorporado e desinteressado, sem pertencimento a qualquer localização geopolítica”¹⁹.

Esse tipo de particularismo disfarçado/revestido de universalidade “produz o que o escritor queniano Ngũgĩ wa Thio`o chamou de “bomba cultural”, cujo efeito é aniquilar a crença das pessoas nelas mesmas”²⁰. Assim, ao contrário deste labor teológico desincorporado e sem localização geopolítica, a teologia negra, assim como as demais teologias contextuais, “assumem a necessidade de afirmação corpo-geopolítica para a produção do conhecimento [...teológico...]) como estratégia para desarmar essa “bomba cultural” da qual nos fala Wa Thio`g`o”²¹. Trata-se, assim, da necessidade das teologias contextuais (no nosso caso da teologia negra) afirmarem a existência ontológica do Ser negro (experiência vivida) enquanto ato de qualificação epistêmica²².

Destarte, embora a teologia negra não pretender se constituir em universal, ao nosso ver ela se vê obrigada a “universalizar-se” de maneira a não cair em um provincialismo/regionalismo²³. Todavia, ao contrário de um universalismo abstrato, ela carrega em si uma noção que denominaremos aqui de um “universalismo” concreto²⁴. Esse tipo de universalismo “permite a coexistência de particulares, sem que cada particular precise se esconder atrás de uma ideia abstrata ou desincorporada”²⁵. Deste modo, diferentemente do universalismo abstrato²⁶, que estabelece uma relação vertical, o “universalismo” concreto supõe um projeto teológico (que não deixa de ser também político) cuja proposta consiste em diálogos horizontais entre as diversas particularidades. Esse “universalismo” concreto algumas vezes será denominado de transmodernidade, outras vezes de pluriversalidade, quilombismo (sobretudo nas diásporas negras), ou simplesmente “universalismo” concreto²⁷.

¹⁹ BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 13.

²⁰ *apud*, BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2019, p. 13.

²¹ *apud*, BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2019, p. 13.

²² A afirmação geopolítica e corpo – política do conhecimento (o teológico incluído) pode, desta forma, ser encontrada na tradição do pensamento africano/afrodiáspórico/negro, ou seja, por meio das experiências vividas. Contudo, isso só será possível graças à afirmação humana, étnica e cultural na qual a população africana/afrodiáspórica/negra integra uma prática de libertação e assume o comando da própria história. A nível teológico isso passa por assumir e reformular o labor teológico (Ver. SILVA, 1998; BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2019, CONE; WILMORE, 1986).

²³ Os saberes decolônias - a teologia negra obviamente inserida – enfrentam nos dias atuais, um desafio de colocar-se enquanto um saber local, marginal e periférico, mas ao mesmo tempo com uma mensagem global. Este tensionamento é fruto do chamado “universalismo abstrato” na qual os saberes decolônias denunciam. Mbiti e Tutu, fazem uma boa discussão atinente a regionalização / provincianização vs universalização da teologia CONE; WILMORE (1986).

²⁴ Em relação a esta tensão aparentemente antagônica criada pelo universalismo abstrato, afirma Césaire: Provincialismo? Absolutamente não. Não vou me confinar a um particularismo estreito. Mas também não pretendo me perder num universalismo desincorporado. Há duas maneiras de se perder: por meio de uma segregação fechada no particularismo ou por meio da dissolução no universal. Minha ideia de universal é um universal rico com todos os particulares, uma profunda coexistência de todos particulares (CÉSAIRE *apud* BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2019, p. 15).

²⁵ (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2019, p. 15).

²⁶ Neste nosso texto, o universalismo abstrato será representado pela pretensão hegemônica da dita Teologia clássica e o concreto pela Teologia negra.

²⁷ Conforme Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, o universalismo concreto vem ao encontro da ideia de transmodernidade, formulada pelo filósofo Argentino Enrique Dussel, entendida como uma ruptura com a lógica monológica da modernidade/colonialidade e seu universalismo abstrato, permitindo a afirmação da existência e o

Estes preceitos, mais do que conceitos, são todos projetos que visam tornar em realidade aquilo que se advoga, isto é, incorporar na reflexão as experiências vividas. Eles são todos dialogantes entre si por terem em comum, como condição basilar, a afirmação pela busca da autonomia de agencia dos sujeitos históricos e conseqüentemente pelo direito de existência, resistência e de reexistência, se engajando incansavelmente na criação de projetos intelectuais e projetos propriamente políticos, que permitam a construção de uma forma de existência²⁸.

Percebemos, desse modo, que, para esta formulação de saber, resistência e projetos de reexistências zigzegueiam conforme a experiência vivida a fim de proporcionar esperança. É isto que está no cerne da Teologia negra, uma teologia que, levando em conta a experiência africana e afrodiáspórica, dialoga com os processos de resistência, proporcionando esperança, mas ao mesmo tempo reexistência. Como veremos no decorrer deste texto, isso só será possível pela forte ênfase da teologia negra no empoderamento das diásporas negras por meio do resgate da consciência da negritude no seu fazer teológico, isto é, resgatando as suas essências de Ser, os seus direitos por existência, seus conhecimentos, suas tradições culturais, antropológicas, religiosas, filosóficas e seu legado histórico, que foram desprezadas pela modernidade.

Uma vez explanada a questão teológica de maneira geral, estamos agora em condição de definirmos a Teologia Negra. Impulsionada pelo “sopro antirracista do espírito”, tal igual ocorreu no primeiro século, surge a teologia negra na década de 60 (enquanto formulação sistemática) no contexto segregacionista norte americano, como “um estranho fenômeno” deixando atônito os seus detratores que se perguntavam: como pode haver uma Teologia Negra? Passado 60 décadas de suas primeiras formulações teológicas diversos autores de múltiplas localidades geográficas e campos do saber, além de provincializarem a Europa e a sua produção de conhecimento, demonstraram não mais ser possível problematizar a existência da Teologia Negra na atualidade²⁹. Pois, queiramos ou não, ela, a teologia negra, é real³⁰.

Um destes autores foi o teólogo sul africano Desmond Tutu no qual afirma que a teologia negra não só existe, como é também relevante, concreta, conectada a uma realidade histórica

conhecimento daqueles que foram apagados, invisibilizados e negados pela colonialidade. A transmodernidade baseia-se na pluriversalidade, pois se busca como horizonte utópico a diversidade epistêmica sem o relativismo epistêmico. O pluriversalismo “rejeita a universalidade de soluções, onde um define pelos outros qual é a solução. Universalidade, na modernidade, clama por uma pluralidade de soluções, onde “muitos decidem por muitos” (Ver. BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2019, p. 16).

²⁸ (Ver. FALOLA, 2020; BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2019).

²⁹ Nos anos 70, James Cone mostrou que era não só legítimo, mas necessário e oportuno refletir na teologia em chave de negritude e vice-versa. Hoje, na África e na diáspora, não há dúvida quanto à legitimidade e necessidade da Teologia Negra Ver. SILVA, Antônio Aparecido da. (Org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 5.

³⁰ Conforme Tutu (2012), a pergunta pela possibilidade da teologia negra é um mero pretexto para esconder a existência de uma ideologia teológica branca, universalizante, opressora, hegemônica, etnocêntrica e, por tanto, racista etc. Marilena Chauí no seu livro “*o que é ideologia?*” define ideologia como sendo um mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio dela tomamos o falso por verdadeiro, o injusto por justo (CHAUI, Marilena de Souza. *O que é Ideologia*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980, p.115). É neste sentido que apontamos a “teologia clássica” como uma ideológica teologia branca no qual esconde/mascara todo etnocentrismo contida nela, de maneira a perpetuar as práticas opressivas da sociedade.

“inteiramente engajada, específica e existencial. [...] É, por tanto, uma teologia do oprimido, uma teologia da libertação”³¹.

Nestes moldes a teologia negra é um estudo sobre o agir de Deus no mundo imbuído de um senso crítico que percorre por uma metodologia e epistemologia que contempla as experiências de opressão e de luta pela libertação da vida negra de forma plena e integral. Percebemos, deste modo, que é com base nesta urgência de inserir a mensagem bíblica na realidade negra, que surge a Teologia Negra³². Uma realidade marcada primeiramente pelo processo de escravização, seguido pela experiência do exílio nas diásporas negras, pelo processo de colonização, pelo trabalho forçado, pelo assimilacionismo, pelo genocídio do povo negro etc., todos eles permeados pelo construto social do racismo institucionalizado e estruturado³³. É nesta perspectiva que o teólogo norte-americano James Cone, define a teologia negra:

é aquela teologia que nasce da necessidade de articular a significação religiosa da presença negra num mundo branco e hostil. É o povo negro refletindo sobre a experiência negra sob a experiência do espírito santo, tentando redigir a relevância do evangelho cristão para a sua vida. É uma situação de espírito, um sentimento que toma conta da alma de um povo quando ele descobre que o mundo não é o que Deus quer que ele seja - no que se refere a realidade de sua vida - subjugação negra sob a opressão branca. Praticar teologia da perspectiva da teologia negra, é empenhar as próprias faculdades intelectuais e emocionais a favor da sorte dos oprimidos para que eles possam ouvir o Evangelho em termos da causa e da eliminação de sua humilhação.³⁴

Segundo Cone, a pesquisa de uma teologia negra nos levará a experiência negra no gueto/favela negro(a) de hoje, pois, ela surge "no contexto do sofrimento negro as mãos do agressivo racismo branco"³⁵, este fato faz com que sua maior preocupação seja "teologizar a partir da experiência negra, cujo o ingrediente principal é o sofrimento a luz da revelação que Deus fez de si próprio no homem, Jesus Cristo"³⁶. No entanto, ter sofrimento enquanto ingrediente principal não significa ódio. O sofrimento, faz com que a teologia vinculada à experiência negra se preocupe com “o significado da existência negra. Com a libertação, com o significado da reconciliação³⁷, com a humanização e com o perdão”³⁸. Trata-se assim de "uma teologia que busca adentrar na realidade da

³¹ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto, Edição de Marcos Marcionilo, São Paulo: Loyola, 2012. p. 471.

³² Dizemos isso conceitualmente, já que vários teólogos da teologia negra buscam sua origem bem mais distante no que se refere ao recorte histórico (na pré-história).

³³ Ver. NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016; ver também. ALMEIDA, Silvio *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

³⁴ CONE, James; Wilmore, Gayraud S. *Teologia Negra*. São Paulo: Paulina, 1986, p. 362

³⁵ TUTU in CONE; WILMORE, 1986, p.386.

³⁶ TUTU, 1986 p.386.

³⁷ A reconciliação não é uma qualidade ou potencialidade humana, embora atinja os relacionamentos humanos. É uma ação divina que abarca o mundo todo, mudando nosso relacionamento com Deus e tornando-nos novas criaturas. Anteriormente éramos escravos; mas a reconciliação significa que agora somos livres. Antes, estávamos separados de Deus, alienados de sua vontade e escravizados aos males deste mundo. Agora estamos reconciliados; o companheirismo com Deus agora é possível porque Cristo por meio da sua morte e ressurreição nos libertou dos principados, poderes e domínios deste presente mundo. Outrora, nosso conhecimento de nossa identidade era definido por aqueles que tinham poder sobre a vida e a morte neste mundo. Agora, Deus nos redimiu e nos reconciliou a fim de que saibamos que a verdadeira vida é encontrada apenas naquele que venceu a morte na cruz e ressuscitou ao terceiro dia (CONE, 1985, pp. 246, 247).

³⁸ (TUTU, 1986 p.386).

comunidade afro como ela é; da realidade negada; e da utopia negada"³⁹, ressignificando esta realidade de sonhos roubados e proporcionando esperança por meio de uma mensagem libertadora.

E a Igreja se fez povo: A realidade encarnacional no qual a teologia negra é inserida

Ao discorrermos sobre a temática da encarnação dentro da cristandade, significa adentrar no campo da cristologia⁴⁰ de forma a narrarmos a história de um Deus que se fez humano. Conforme define González no seu dicionário teológico, a encarnação é a “ação de Deus de “tornar-se carne” (encarnar-se) em Jesus Cristo” (2000, p.104). Com este autor compreendemos que a encarnação é o centro da fé cristã e um dos pontos que a distingue das demais religiões monoteístas. Este também é um ponto extremamente crucial para o entendimento do nosso estudo, já que, será por meio da compreensão deste fenômeno que captaremos a experiência vivenciada pelo povo negro, tanto na África quanto na diáspora, bem como o seu relacionamento e possíveis estreitamentos relacionais com o divino.

Assim ao falarmos sobre a encarnação adentramos na vida histórica de Cristo e de todo seu processo *kenótico*, que compreende seu nascimento, morte e ressurreição (Filipenses 2:6-11). Ao relatarmos este processo numa perspectiva da teologia negra, não poderíamos fazê-lo sem pensarmos numa igreja de Cristo que, não somente fez o processo *kenótico* juntamente com Cristo, mas também se fez povo. Falamos da igreja negra, falamos do povo negro.

A vida do povo negro - de como eles se transformaram de meros objetos econômicos para sustentáculos do desenvolvimento das diásporas negras - já foi bastante estudado pelos historiadores, e não só, da mesma forma foi bastante estudado a sua experiência histórica com a mensagem cristã, bem como com a diáspora. Em relação a comunidade negra na igreja cristã brasileira, por exemplo, estudos recentes apontam que há mais negros em igrejas evangélicas do que por exemplo em religiões de matriz africanas⁴¹. Da mesma forma, os mesmos estudos apontam que há um alinhamento das igrejas com as políticas governamentais que oprimem, violentam, e matam o povo negro⁴². Isto cria certo paradoxo que, no entanto, deixa de existir se compreendermos que mesmo sendo o povo negro a maioria nessas comunidades eclesiais a sua teologia é, conforme apontamos, e continua sendo branca. Legitimando com isso o apoio a uma política racializada, genocida, necropolítica e suicidária⁴³. Daí a nossa preocupação em enegrecer a teologia vigente de maneira a fazer da igreja um povo reunido em torno de Iavé⁴⁴, preocupada com as questões do reino, um reino que se assenta

³⁹ (SILVA, 1998, p. 15)

⁴⁰ Em sentido estrito, é a doutrina de Cristo, de sua pessoa e suas naturezas. No passado a cristologia abrangia também a obra de Cristo, agora esta é mais comumente tratada em separado, como soteriologia (estudo da salvação).

⁴¹ Ver. OLIVEIRA, Marco Davi de. A religião mais negra do Brasil: porque os negros fazem opção pelo pentecostalismo? Viçosa/MG: Ultimato 2015. Ver também. GILROY (2001); HEYWOOD (2008).

⁴² Ver. MBEMBE, Achille. *Necropolítica* São Paulo: N-1 edições, 2018. Ver também. PACHECO, Ronilso. *Ocupar Resistir subverter: Igreja e teologia em tempos de violência, racismo e opressão*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos 2016.

⁴³ O próprio licenciamento da Igreja face a realidade do racismo segue esta mesma lógica. Ver. MBEMBE, 2018; JOÃO; BUENO 2019.

⁴⁴ É isto que significa Igreja, do grego *Ekklesia* e do Latim *Ecclesia*, significando o povo reunido em torno de IAVÉ.

no amor, no poder, na justiça, na verdade (Salmos 8), bases essas cruciais para o estabelecimento da comum-idade.

No que concerne a relação da comunidade negra para com a vida de Jesus e consequentemente para com a sua mensagem cristã, percebemos uma pronta identificação do povo negro ao Cristo encarnado⁴⁵. Pois este povo, ao ouvir a mensagem cristã do amor/poder que leva a libertação dos seres por meio da implementação do reino da justiça, acaba identificando-se, já que este mesmo povo, tal como Jesus em seu tempo, é vítima da repressão e violência estatal, na maioria dos casos, não passam da casa dos trinta, ou são encarcerados, assassinados, muitos deles compõem a dita classe baixa da sociedade, trabalhadora (geralmente dos empregos rejeitados pela maioria) e sem projeção de conhecer outras partes do globo, a maioria deste povo são iletrados (fruto de uma política educacional desproporcional), no entanto com um vasto ensinamento por transmitir. Os que se aventuraram em transmitir estes ensinamentos, consequentemente subvertendo a lógica escravagista foram assassinados pelo Estado necropolítico⁴⁶

No que concerne a relação da comunidade negra para com a vida de Jesus e consequentemente para com a sua mensagem cristã, percebemos uma pronta identificação do povo negro ao Cristo encarnado. Tal identificação com a vida histórica de Cristo, no entanto, não é mera coincidência é o próprio Deus optando em fazer-se presente na experiência negra. Segundo Adriano Henrique Otto, pela encarnação “o escopo da mensagem será sempre o Verbo que habitou entre nós; Deus se fez homem e armou a sua tenda entre os humanos” (2003, p. 191) contudo, para os contextos diaspóricos, forjados através dos genocídios de outros povos, se faz sempre necessário a pergunta: nós quem?

A resposta a esta pergunta surge com a teologia negra ao afirmar categoricamente que o verbo habitou e habita nas experiências negras, em suas *complexas tramas de certezas* (MBEMBE, 2019), bem como em suas múltiplas formas de resistência e reexistência.⁴⁷ O Cristo, nestes moldes, tal como a sua mensagem, não somente encontra amparo, mas também partilha dos elementos dos

⁴⁵ Segundo a tradição cristã, Jesus é um homem que viveu somente até a idade de mais ou menos de 34 ou 38 anos. Este mesmo homem de uma vida simples, para não dizer pobre (classe baixa da sociedade judaica), nasceu em uma cidadezinha provinciana da palestina, e como a maioria do seu contexto nunca viajou mais do que 160 km do lugar onde nasceu. Este mesmo homem, embora sua história e ensinamentos sejam das mais espalhadas pelo mundo a fora, jamais escreveu um livro. Pois, passou a maior parte da vida trabalhando como carpinteiro. Nos seus últimos três anos da sua vida, viajou por seu país fazendo o bem e ensinando. E seus ensinamentos acarretaram consequências positivas e negativas. As positivas deram-se pelo fato de muitos dos que o ouviam aderiam aos seus ensinamentos e os colocavam em prática, pois, segundo Ele, o amor é sobretudo prático (Mt 25:31-46). Ao passo que as negativas ocorreram primeiramente por traição de um de seus discípulos mais íntimo seduzido pelo poder econômico e político, e, por fim, este mesmo homem chamado Jesus, foi condenado como herege e ativista político em potencial. Em via disto foi torturado e morto. E segundo as escrituras morte de cruz. Conforme explica Otto, a pessoa negra também excluída “olha para este Jesus Judeu que caminha, ampara, consola e dá vida, uma vida em meio à miséria” e automaticamente acaba por reconhecer-se nele OTTO, Adriano Henrique. Nascimento de Jesus numa perspectiva negra. in LOPEZ, Maricel Mena; NASH. Peter Theodore (Orgs). *Abrindo sulcus: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo, RS: Sinodal 2003. p.184).

⁴⁶ (Ver MBEMBE, Achille. *Necropolítica* São Paulo: N-1 edições, 2018).

⁴⁷ Nos referimos as diversas formas manifestações políticas que permitam a afirmação da negritude como dança, poesia, literatura, musicalidade, religiosidade etc. (Ver. SILVA 1998).

terreiros e quilombos⁴⁸, tornando-a numa mensagem robusta, coesa, libertária, acessível, compreensível, e contextual por inserir na sua reflexão teológica os aspectos próprios desta comunidade de matriz africana, como, por exemplo, sua cultura comunitária, sua ancestralidade, oralidade, musicalidade ou ainda sua relação corpórea etc., ao proceder desta forma o evangelho de Cristo e consequentemente o próprio Cristo, não somente estão armando tenda entre a comunidade negra, mas encarnando-se nesta comunidade, tornando-se, juntamente com ele(a)s, negro (a).

Este processo é também denominado por correlação (TILLICH 2019). Ao fazermos isso estamos correlacionando não só a teologia, como também a mensagem central bíblica: o verbo tornado carne, com a negritude, ou seja, com a experiência histórica do povo negro. Este tem sido o exaustivo trabalho desenvolvido pelos teólogos que inserem a negritude no labor teológico. James Cone por exemplo, percorrendo pelo método da correlação de Tillich (2019) correlaciona a negritude à Cristo entendendo a negritude de Cristo "tanto literal quanto simbólica". Ela se torna literal no sentido de que Jesus verdadeiramente se fez Um com o povo negro⁴⁹ e ela é simbólica no sentido de que os negros se encontram e se reveem nos evangelhos e na vida histórica de Jesus.

Conforme Cone, "dizer que Cristo é negro significa que o povo negro é o povo pobre de Deus a quem Cristo veio libertar"⁵⁰ Isto significa dizer que nenhum evangelho de Jesus Cristo "é possível [...] sem que se ponha em sintonia com a história e a cultura daquele povo que lutou para dar testemunho do nome de Jesus em circunstâncias extremas de aflição"⁵¹ Da mesma maneira, "dizer que Cristo é negro significa que Deus, em sua sabedoria e misericórdia infinitas, não apenas leva a cor seriamente"⁵², como também "a toma sobre si e revela sua vontade de fazer de todos nós novas criaturas nascidas no espírito da negritude divina e redimidas através do sangue do Cristo Negro"⁵³.

Portanto, Cristo é negro não por causa de alguma necessidade cultural ou psicológica do povo negro, mas por causa e somente porque Cristo *realmente* entra em nosso mundo, onde os pobres, os desprezados estão revelando que ele está com eles, sofrendo a humilhação e a dor deles e transformando os escravos oprimidos em servos libertados⁵⁴

Em contraposição a essa verdade, "Se Cristo não é negro, o evangelho não é boa nova para os oprimidos" e consequentemente "a observação de Marx está correta: "a religião é o sinal da criatura oprimida, o coração de um mundo insensível (...) a alma de uma situação sem alma. É o Ópio do povo"⁵⁵.

⁴⁸ MOURA, Clóvis (org.) *os quilombos na dinâmica social do Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 2001, define quilombo como unidade de protesto e de experiência social (p.103).

⁴⁹ A negritude de Cristo se encontra assim no contexto sociológico que deu origem aos movimentos civis nos EUA, aos cantos spiritual, nos processos de aquilombamentos em solo brasileiro aos movimentos de libertação nos contextos africanos e caribenhos etc.

⁵⁰ CONE, 1985, p. 150.

⁵¹ CONE, 1985, p. 150.

⁵² CONE, 1985, p. 150.

⁵³ CONE, 1985, p. 150. O título cristológico na perspectiva da negritude se explica do mesmo modo que se pode explicar o título cristológico do Cristo Filho do Homem ou filho de Davi.

⁵⁴ CONE, 1985, p. 150.

⁵⁵ CONE, 1985, p. 151. O cristianismo se torna o Ópio do povo quando não consegue denunciar o pecado do racismo, nem se relacionar com a causa negra.

Com James Cone (1985; 1986) se aprende que o evangelho todo fala de um Deus dos oprimidos que fez um processo *kenótico* (esvaziamento) (Filipenses 2:6-11) e continua incursando na história humana para marca-la, até sua morte e ressurreição. Sua Ressurreição marca “a vitória de Deus sobre a opressão e a injustiça, revelando que a liberdade divina demonstrada na história de Israel agora está disponível para todos”⁵⁶. Desta forma, a encarnação de cristo representa um processo de esvaziamento e consequentemente uma abnegação do Deus *totalmente outro* para o *Emanuel, Deus conosco*, aquele que está no que está, se encontrando inclusive no processo *kenótico* feito pela comunidade diaspórica negra.

Deste modo, a encarnação representa a autoidentificação do Deus dos oprimidos para com os condenados da terra⁵⁷. Da mesma forma que a cruz representa a “particularidade do sofrimento divino no lugar de Israel a Ressurreição é a universalidade da liberdade divina para todos os que “trabalham e estão pesadamente oprimidos”⁵⁸ Entretanto, não é possível chegar a esta conclusão sem que os teólogos negros demonstrem que a negritude de Jesus não é simplesmente fruto de uma imaginação criativa e psicológica do povo negro ou uma mera ideologia, mas sim é proveniente de um exame fiel e sério das fontes da Cristologia (Escrituras, Tradição, e Existência social). Todas elas aliadas de maneira a iluminar quer o passado, o presente e o futuro de Jesus quanto do povo negro.

Com este rigor de seriedade em mente, procuramos neste trabalho canalizar nossos esforços no processo encarnacional e diaspórico de maneira a pensarmos não só a teologia negra como também a história do povo negro. Assim sendo constatamos que à representatividade de Deus na Terra, assumiu corpo identificando-se acolhendo os pobres, oprimidos, marginalizados e desvalidos. E por tudo isso, esse Jesus, bem como o seu evangelho, seria o Jesus desta mesma gente (negra). Um povo vítima das políticas governamentais que oprimem, violentam e matam-no.

Por isso, pensar a negritude a partir da encarnação de Deus, envolve questões não só teológicas, mas também uma identificação com o ser negro. É precisamente neste ponto que entra a questão diaspórica no nosso trabalho. Já que a diáspora negra surge na história humana como uma voz profética emancipadora e recuperadora de identidade dos sujeitos negros a fim de proporcionar esperança. Isto é, por meio do resgate da negritude. Temática esta que analisaremos já em seguida.

A teologia negra e o movimento diaspórico do espírito

Em termos gerais, diáspora diz respeito a dispersão forçosa ou não de qualquer povo ou etnia pelo mundo. Associada ao destino do povo hebreu, a palavra foi utilizada na tradução da Septuaginta (em grego) da Bíblia, onde se inscrevia como uma maldição: "Serás disperso por todos os reinos da terra" (EZEQUIEL 22:15). No entanto com o passar dos anos, tal terminologia foi bastante utilizada do século XV em diante para compreender os arranjos forçados pela colonização através do tráfico

⁵⁶ CONE, 1985, p. 149.

⁵⁷ Fanon descreve os condenados da terra como povos submetidos a diversas formas e níveis de extrema pobreza e opressão. FANNON, Frantz. *Os condenados da Terra*. MG: UFJF 2006.

⁵⁸ CONE, 1985, p. 149.

humano, o que originou no entendimento de uma “diáspora negra”.⁵⁹ Na atualidade a mesma terminologia tem sido utilizada para referir-se aos novos fenômenos relativos a migrações humanas dos ex-países coloniais para as antigas metrópoles.

A partir deste ponto, já vemos a correlação existente entre o fenômeno diaspórico, a experiência de escravização a que o povo africano foi submetido, e o processo encarnacional, já que conforme a bíblia nos ensina, Deus, na pessoa de Cristo teve que passar por um processo *Kenótico* (esvaziamento) tornando-se maldito⁶⁰ a fim de restaurar a esperança da humanidade abrindo com isso possibilidades de uma vida plena (JO 10:10). Os teólogos(a)s negro(a)s que percorrem por uma teologia negra argumentam que o povo negro⁶¹, da mesma forma que Cristo, passou por um processo *kenótico* (esvaziamento), pois, relegados a maldição da escravização e conseqüentemente do exílio foram oprimidos, levados até a morte e morte de cruz (tronco) (CONE 1985)⁶².

Todavia, o tronco não significou o fim. Muito menos o processo diaspórico (exílio mediante o tráfico), já que a partir deste lugar (não lugar) “maldito” denominado diáspora. O povo negro - tal como Israel em seu tempo - mediado pelo poder do “*sopro antirracista do espírito*”⁶³, resinificou este lugar, criando e recriando mecanismos indentitários que lhes possibilitassem fazer frente ao sistema violento, corrupto e depravado no qual se encontravam imersos (Ver. Jeremias 29-32). É nesta perspectiva que procuramos neste texto analisar a questão diaspórica e inscrever a teologia negra neste processo afrodiaspórico⁶⁴. Entendendo a diáspora e a teologia negra como fenômenos que articulam os diferentes construindo categorias e pontes para superar as fronteiras de exclusão imposta pela colonialidade⁶⁵.

Um dos mecanismos de emancipação do processo diaspórico/teológico e conseqüentemente de oposição à lógica da colonialidade, ocorre (conforme afirmamos linhas acima) com o resgate da negritude. Otto Define a negritude alinhado ao movimento diaspórico da seguinte maneira:

A negritude é a um só tempo um movimento histórico, emancipativo, social, artístico e cultural, e por que não dizer, também religioso. O seu grande objetivo é a recuperação da

⁵⁹ Ver. GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: editora 34, 2001; ver também. HEYWOOD, Linda M. *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

⁶⁰ Ver Gálatas (3:12-14) onde Paulo afirma: maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.

⁶¹ Somos cientes dos contornos e dos debates que giram em torno da expressão negro/preto. Neste texto, no entanto preferimos utilizar a expressão negro ao invés de preto apenas para seguir a lógica da terminologia teologia negra. Além disso entendemos o termo negro, nos moldes diaspóricos como sendo um conceito político que representa o somatório de autodeclarados pretos e pardos.

⁶² Conforme Pacheco, esta mesma forma de opressão que tritura até os ossos, continua sendo imposta ao povo negro na atualidade. PACHECO, Ronilso. *Protestantismo: utopia e insurgência*. São Paulo: Recriar, 2019.

⁶³ PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito*. São Paulo: Recriar, 2019.

⁶⁴ A terminologia “afrodiaspórica” diz respeito aos descendentes de africanos articulando-se e organizando-se distante da MAMMA ÁFRICA. Tal terminologia é assim utilizada para acentuar a união da comunidade e desautorizar as divisões hierárquicas impostas pelo critério epidérmico de classificação social que prevalece na região (Ver. NASCIMENTO, 2002).

⁶⁵ A colonialidade faz a construção de um 'outro' e de uma oposição rígida entre o de dentro e o de fora. Ela não só estereotipa como também exclui, isto justifica-se por ela trabalhar com a lógica da narrativa do saber único, constituindo-se a Europa o centro ao redor do qual todos os demais giram. Logo necessário é percorrer por um saber que não só desconstrói essa lógica como também se articula a partir de outras categorias, o que alguns denominarão este processo como sendo decolonialidade (Ver. BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSFUGUEL, 2019).

identidade negra. O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisa recuperar⁶⁶.

Padilla (2003), lendo o prof. Antropólogo Kabengele Munanga define negritude como sendo,

a volta do povo negro a suas origens a partir da consciência de que como povo ele possui uma riqueza histórico cultural e uma personalidade que lhe é própria. É, simplesmente, reconhecer o fato de ser povo negro, aceitar seu destino, sua história e sua cultura, sem que isto signifique resignação, pelo contrário, signifique luta por uma sociedade que esteja impregnada de igualdade, justiça e de valores do reino de Deus. Portanto a negritude vai além da identidade cultural; ela busca um engajamento na ação política que visa o diálogo com as outras culturas para que, em conjunto, identifiquem uma sociedade universal onde todas as culturas possam ter seu espaço e viver em comunhão e justiça, sem a sobreposição de uma cultura sobre as outras⁶⁷

Falola (2020) descreve este entrelaçamento entre cultura e aspecto sociopolítico que ocorre no processo diaspórico da seguinte forma: “As experiências compartilhadas de exploração e dominação [...] são transformados em representação cultural de um destino comum e de um esforço vigoroso em busca de salvação”⁶⁸ Assim, “a cultura se traduz em poder; e o poder da cultura se revela nas lutas políticas”,⁶⁹ que ao mesmo tempo são lutas culturais, pois, “as lutas culturais e as lutas políticas estão entrelaçadas”.⁷⁰ Por este exposto, conseguimos vislumbrar o caráter diaspórico da teologia negra que estamos articulando neste texto. Pois, se entendemos bem o pensamento de Falola, podemos então, inferir que a defesa de manifestações e expressões culturais feitas pela teologia negra, por exemplo, é, ao mesmo tempo, uma defesa da humanidade do ser negro, bem como a afirmação da sua identidade enquanto humano.

De forma resumida, estamos dizendo que uma teologia, sob a perspectiva da negritude, devidamente enegrecida, promove aos seus interlocutores e não só, interesses culturais, o que acaba por deslocar e tencionar a teologia daquele lugar abstrato, imutável, intocável, inegociável etc., pois não vê, a priori, antagonismo entre sua cultura e sua fé no Cristo da cultura. Mas, ao mesmo tempo, emancipa este mesmo povo para as lutas políticas⁷¹. Pois, a negritude, de uma perspectiva da teologia negra, é também um “projeto político que resgata valores de uma sociedade igualitária, tendo como base a diferença, que afirma a pessoa e sua história que foi negada, resgatando sonhos perdidos”.⁷²

⁶⁶ OTTO, Adriano Henrique. *Nascimento de Jesus numa perspectiva negra*. in LOPEZ, Maricel Mena; NASH. Peter Theodore (Orgs). *Abrindo sulcus: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo, RS: Sinodal 2003. p.187

⁶⁷ PADILLA, Günter. *Hermenêutica bíblica negra*. In. LOPEZ, Maricel Mena; NASH. Peter Theodore (Orgs). *Abrindo sulcus: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo, RS: Sinodal 2003. p.117

⁶⁸ FALOLA, 2020, p. 440.

⁶⁹ FALOLA, Toyin. *O poder das culturas africanas*. Editora Vozes: Petrópolis, 2020. p. 441.

⁷⁰ FALOLA, 2020, p. 441.

⁷¹ No contexto brasileiro, esse processo tem sido denominado de aquilombamento. Ver. NASCIMENTO (2002); MOURA (2001).

⁷² FONSECA *apud* PADILLA, 2003, p. 117.

Por meio do resgate da negritude, qual um efeito dominó, o povo negro teve também que ressignificar a sua lente hermenêutica em relação a bíblia. Já que, no que tange a relação do povo negro para com a bíblia, há também uma ambiguidade que se constitui num desafio para a teologia negra⁷³. A inserção da teologia negra nas diversas formas de resgate da identidade do povo negro, um povo perpassado pelo preconceito e discriminação - o que origina a ele não só sofrer marginalização, mas também automarginalizar-se - não se configura numa tarefa fácil. Somente estando no contexto com outras pessoas que se deparam com a mesma situação “é que o povo negro vai experimentando o sentimento de pertença e partilha, sua vida começa a despertar para uma nova visão de si, ou seja, vai assumindo sua negritude”.⁷⁴ Disto decorre o caráter contextual da teologia negra, bem como sua forma de leitura bíblica.

Dito de outra forma, a nível teológico, o povo negro propõe, por meio da negritude, o enegrecimento da teologia, da lente que perpassa a hermenêutica e leitura bíblica, das pessoas que fazem teologia, ou seja, “a teologia deve partir da realidade do povo negro”⁷⁵. Isso justifica-se porque, ao longo da história humana, negou-se ao povo negro *o ter, o saber, e o poder*, ficando este mesmo povo marcado por estes valores, que em suma para o mundo branco são *o não ser*⁷⁶. Da mesma forma, por meio da negritude, o povo negro reivindica o enegrecimento da bíblia, pois, conforme estamos vindo a apontar a relação deste povo com a bíblia nem sempre foram das melhores, para eles a bíblia se constituiu e se constitui ainda hoje numa ferida aberta, pela sua não neutralidade na história da escravidão. Ela “esteve sempre ao lado do rei, do senhor de escravos, do rico, do bispo e do homem branco”⁷⁷ Além disso, por meio dela, “o povo estava algemado ao “doce inferno”, o engenho de açúcar”⁷⁸

Contudo, paradoxalmente, o povo negro tem encontrado na bíblia uma forte aliada das suas lutas por resistência e reexistência. Já que, a partir dela, “conseguiu estabelecer a diferença entre o Deus opressor do branco e o Deus libertador que condena todo tipo de escravidão”⁷⁹ Assim, o povo negro, por meio deste processo de identificação de sua história com as passagens bíblicas, “viu na Bíblia uma companheira de luta, uma fonte de esperança onde poderia matar a sede de liberdade”⁸⁰. Conforme aponta Frisotti:

Importante é ressaltar que a Bíblia é vista pelo povo negro nessa dialética de dor e alegria. Para sentir o quão doce é a mensagem de libertação da Bíblia para o negro, é necessário que, primeiramente ou simultaneamente, ele descubra o amargo que é, que pode ser e que foi a interpretação bíblica na sua história⁸¹

⁷³ BUENO, R.D. Um olhar negro para uma releitura bíblica. In: Francisco Evangelista – Lucineia Chrispim Pinho Micaela – Rubia Cristina Cruz. (Org). *Africanidades, afrodescendências e educação*. 1ªed. Curitiba: EDITORA CRV, 2017, v. I, p. 303-313.

⁷⁴ PADILLA 2003, p.117.

⁷⁵ PADILLA, 2003, p. 111.

⁷⁶ Ver. TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

⁷⁷ PADILLA, 2003, pp.113,114.

⁷⁸ FRISOTTI *apud* PADILLA, 2003, p.114.

⁷⁹ CONE, 1985, p.41.

⁸⁰ PADILLA, 2003, p.114.

⁸¹ FRISOTTI *apud* PADILLA 2003, p.114.

O fazer teológico da teologia negra carrega, deste modo, em sua mensagem este aparente paradoxo, contudo, não há o que se preocupar, pois, conforme pregava São Mateus em seu tempo, a mensagem de Cristo é em si um paradoxo que liberta proporcionando vida, e indo ao encontro dos marginalizados e oprimidos (Mt.16.25).

Considerações finais

Neste texto procuramos enfrentar a provocação que ensejou a nossa escrita por entendermos não ter sido ainda ultrapassada mesmo decorrendo tanto tempo desde o pronunciamento infeliz do nosso querido professor Jonh Mbinti, apresentamos num primeiro momento a nossa concepção de teologia de maneira geral o que nos possibilitou definirmos o que entendemos por teologia negra, analisamos num segundo momento o processo encarnacional da teologia sob a perspectiva da negritude e por fim, demonstramos o movimento diaspórico feito pela teologia negra, entendendo nós ser um movimento direcionado pelo sopro antirracista do espírito que proporciona esperança.

Assim, ao contrário de Mbinti, entendemos neste texto que a teologia negra não é gestada pelo ódio, mas sim mediante uma esperança salvífica e libertadora que surge a partir de um processo diaspórico e encarnacional, mediado pelo amor poder (TILLICH 2004) que nos leva a existir, resistir e reexistir. Este foi e continua sendo um movimento feito sobretudo no sul global onde não só se tenciona a teologia vigente como também a própria teologia negra, deslocando-na, para a realidade do povo negro quer na África quanto nas demais diásporas africanas. Abrindo, desta forma, a teologia ao diálogo com outras formulações de pensamentos e culturas provenientes de outros contextos também denominados de terceiro mundistas, como é o caso do contexto africano, caribenho e latino americano⁸².

Vale ainda ressaltar em nota de conclusão que por mais que tenhamos recortado a teologia negra como proveniente dos novos paradigmas do Sec. XX, enxergamos-la, no entanto, como sendo um movimento que vem de longe⁸³. O que fica claro para nós por agora é que, os nomes desta nova e “estranha” forma do fazer teológico, conforme Silva (1998), foram variando de acordo com a localidade e a ênfase temática (demanda contextual) no qual ela foi sendo inserida. Entretanto, o que não varia é que ela, a Teologia Negra, surge sempre como um movimento diaspórico perpassado pela questão da Libertação, correlacionando a negritude, a encarnação e a teologia, de maneira a encarnar a teologia na vida e nas experiências deste povo.

Assim, a Negritude aparece sempre neste labor teológico como princípio norteador que permeia todas as variações da Teologia Negra, caracterizando-a como uma Teologia negra da Libertação, no entanto, um outro princípio norteador também surge de maneira imbricada: o fenômeno encarnacional da Teologia Negra, bem como a questão diaspórica. Motivos estes que

⁸² (Ver. SILVA, 1998; GIBELLINI, 2012).

⁸³ Nossa periodização se restringiu apenas ao momento em que ela se deu a conhecer ao mundo enquanto estudo sistemático, no entanto ela é bem mais remonta a este período, podendo ser achada entre os pais da Igreja no séc. I-II, aquando das primeiras formulações cristãs teológicas. Ou mesmo no antigo mundo bíblico, isto enquanto pensamento africano (ANDRADE 1998) Ver. Também. (FERNANDES, 2019).

fizeram com que neste texto olhássemos para esses dois fenômenos, apontando caminhos para uma teologia negra diaspórica e encarnacional, definindo a TN não apenas como aquela que *se faz para, mais de, com* o povo negro.

Referências

A *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional/Paulus, 2000.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.11, p. 89-117, mai./ago. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/9180>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

ANDRADE, Ezequiel Luiz de. Existe um pensar teológico negro? In: SILVA, Antônio Aparecido da. (Org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998.

ANDRADE, Charlisson Silva De. *teologia em perspectiva afrodiaspórica e antirracista: uma análise do potencial correlativo entre a teoria decolonial e a teologia negra da libertação*: São Cristóvão/SE, 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. Rio Grande do Sul: sinodal, 2014.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico: versão didática*. Petrópolis/RJ. Vozes, 2014.

BUENO, R.D. Um olhar negro para uma releitura bíblica. In: Francisco Evangelista – Lucineia Chrispim Pinho Micaela – Rubia Cristina Cruz. (Org.). *Africanidades, afrodescendências e educação*. 1ªed. Curitiba: EDITORA CRV, 2017, v. I, p. 303-313.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é Ideologia*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980, p.115

CONE, James H, *O Deus dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONE, James H; WILMORE, Gayraud S. (Org.) *Teologia Negra*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1986.

FALOLA, Toyin. *O poder das culturas africanas*. Editora Vozes: Petrópolis, 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Minas Gerais: UFJF 2006.

FERNANDES, Regina., *Introdução às Teologias Latino – Americanas*. Campinas: Saber Criativo, 2019.

GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Trad. Lúcia M. Endlich. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto, Edição de Marcos Marcionilo, São Paulo: Loyola, 2012.

GILROY, paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* editora 34: São Paulo, 2001;
GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

HALL, Stuart (2003) *Na diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Ed. Da UFMG/Brasília, UNESCO.

HEYWOOD, Linda M. *Diáspora negra no Brasil*. Editora Contexto; 2ª Edição, 2008.

JOÃO, Emiliano Jamba António; BUENO, Rogério Donizetti. *Os deslocamentos da teologia a partir das experiências negras*. São Paulo: Recriar, 2019.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2019.

_____. *Necropolítica* São Paulo: N-1 edições, 2018.

Mbiti, John. Teologia negra Americana de visão africana. In CONE, James H; WILMORE, Gayraud S. (Org.) *Teologia Negra*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1986, pp.372-.378.

MOURA, Clóvis (org.) *os quilombos na dinâmica social do Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*. 2ª edição Fundação Cultural Palmares OR Editorial Produtor Independente, 2002).

_____. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: porque os negros fazem opção pelo pentecostalismo?* Viçosa/MG: Ultimato 2015.

OTTO, Adriano Henrique. Nascimento de Jesus numa perspectiva negra. In: LOPEZ, Maricel Mena; NASH. Peter Theodore (Orgs). *Abrindo sulcus: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo, RS: Sinodal 2003.

PADILLA, Günter. Hermenêutica bíblica negra. In. LOPEZ, Maricel Mena; NASH. Peter Theodore (Orgs). *Abrindo sulcus: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo, RS: Sinodal 2003.

PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito* São Paulo: Recriar, 2019.

_____. *Ocupar Resistir subverter: Igreja e teologia em tempos de violência, racismo e opressão*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos 2016.

_____. *Protestantismo: utopia e insurgência*. São Paulo: Recriar, 2019.

SILVA, Antônio Aparecido da. (Org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998.

TILLICH, Paul Johannes. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

_____. *Amor, Poder e Justiça*. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

TUTU, Desmond M. teologia negra/teologia africana: Amigos íntimos ou antagonistas? In CONE, James H; WILMORE, Gayraud S. (Org.) *Teologia Negra*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1986, pp.379-.388.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Unesp, 2012.